

Podcast como lugar para aquilombar: um olhar a partir da aplicação da metodologia Aquilombamento Virtual Midiático (AVM)¹

Rose Mendes da Silva²
Andréa Pereira dos Santos³
Universidade Federal de Goiás – UFG

Resumo

Apresenta-se um recorte da aplicação da metodologia decolonial Aquilombamento Virtual Midiático na análise de dois episódios do *podcast* Lado Black como teste de sua viabilidade para a pesquisa de doutorado em curso, cuja abordagem é qualitativa, do tipo exploratória, descritiva e documental, com o uso de levantamentos e entrevistas para a coleta de dados. As análises foram de acordo com as dimensões e rotas da metodologia. O referencial teórico, para além de autores da Comunicação e da Informação, tem base nos estudos de Beatriz Nascimento, acerca dos quilombos, e de Abdias Nascimento, sobre o quilombismo. Como resultados tem-se que a metodologia é viável para a pesquisa em andamento e, mesmo tendo sido aplicada parcialmente, mostrou-se adequada para captar a complexidade e a riqueza das práticas comunicacionais negras na podosfera.

Palavra-chave: *podcast*; quilombo; comunicação antirracista.

Introdução

A pesquisa parte da interseção entre as áreas de Comunicação e Informação para investigar o papel do *podcast* como canal informacional voltado ao letramento informacional e racial e à ampliação das vozes negras no Brasil. O tema emergiu do reconhecimento do *podcast* como mídia em ascensão, capaz de dialogar com públicos diversos, especialmente jovens nativos digitais, e do compromisso pessoal e acadêmico da autora com a pauta racial.

Analisa-se o *podcast* como mídia contemporânea no escopo das mídias negras a partir da observação de *podcasts* produzidos no Brasil, por e para pessoas negras. Esta é uma pesquisa em andamento no doutorado em Comunicação, na Universidade Federal de Goiás (UFG), linha Mídia e Informação – ensejando, portanto, a reunião de pesquisadores da Comunicação e da Informação, bem como também da Educação e da Antropologia, tendo em vista que o tema em estudo suscita olhares múltiplos. Neste contexto, traz-se conceitos fundamentais, como de *podcast*, que por sua vez, conecta-se ao de rádio; de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no PPGCOM-UFG, e-mail: rosemendes99@ufg.br.

³ Docente no PPGCOM-UFG e orientadora da pesquisa, e-mail: andreabiblio@ufg.br.

fontes de informação e de letramentos⁴, particularmente racial e informacional⁵. E ainda, conceito de quilombos, quilombismo, aquilombamento, raça, racismo, entre outros.

Neste artigo apresenta-se um recorte da aplicação da metodologia decolonial Aquilombamento Virtual Midiático (AVM), de autoria da pesquisadora Alice Oliveira de Andrade. Trata-se de uma metodologia nova, apresentada em sua tese defendida em 2023, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para testar a viabilidade da aplicação da referida metodologia na pesquisa em andamento fez-se um pré-teste na análise de dois episódios do *podcast* Lado Black – um dos 81 canais identificados em levantamento prévio para a pesquisa.

Os *podcasts* considerados no escopo da pesquisa em andamento integram as chamadas mídias negras – experiências comunicacionais insurgentes que abordam temáticas caras ao povo negro. Estas atuam reconstruindo narrativas no sentido de romper com as lógicas racistas da comunicação hegemônica a partir de múltiplas vozes, pois o povo negro é diverso, como observa Andrade (2023).

Apresenta-se, também, parte do referencial teórico da pesquisa, localizando o *podcast* com o um tipo de quilombo moderno onde se efetiva o quilombismo de Abdias Nascimento (1980) e se pratica o aquilombamento virtual, dando vazão à ideia de Beatriz Nascimento (1985) de valorizar a herança negra.

Podcast por/para o povo negro: quilombo moderno

A partir dos escritos de Abdias Nascimento e de Beatriz Nascimento, cujos textos sugerem enfrentamentos ao racismo e aos seus efeitos nefastos desde a década de 1970, é que se propõe observar os *podcasts* produzidos no Brasil, por e para o povo negro, como uma forma de aquilombamento na contemporaneidade, mesmo que virtual.

Na visão de Beatriz Nascimento, autora brasileira referência no tema, os quilombos que surgiram no Brasil no período da escravidão têm forte ligação com os

⁴ Na pesquisa adota-se a definição geral de letramentos de Rojo e Moura (2019), autores do campo da Educação. O termo “busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.). [...] Numa sociedade urbana moderna, as práticas diversificadas de letramento são legião. Por isso, o conceito passa ao plural: letramentos” (Rojo; Moura, 2019, p. 16).

⁵ Para tratar de letramento informacional as autoras base são Campello (2009) e Gasque (2012). Trata-se de um processo de aprendizagem necessário ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar e usar a informação que deve iniciar, preferencialmente, ainda na infância. Letramento e alfabetização não devem ser confundidos. Tampouco se deve simplesmente juntar os termos letramento e informacional, tendo em vista que o letramento informacional é um processo mais complexo, pois visa “a adaptação e a socialização dos indivíduos na sociedade da aprendizagem” (Gasque, 2012, p. 32).

quilombos africanos e foram as primeiras experiências de liberdade do povo negro que foi escravizado nestas terras (Nascimento, 1985, 2008). Os primeiros quilombos, registra, estão ligados à busca pela liberdade e à resistência contra a escravidão, por isso têm, como marca, a fuga. Outro estudioso do tema, Abdias Nascimento, define o quilombo como uma organização política democrática, com modelo econômico oposto ao modelo colonial e estrutura comunitária baseada em valores culturais africanos. Também o considera como referência básica para a mobilização da população afrodescendente nas Américas (Nascimento, 1980).

Mesmo no pós-abolição a quilombagem seguiu sendo uma possibilidade de sobrevivência, comenta Andrade (2023), relembrando a Lei de Terras, de 1850 – que proibiu a aquisição de propriedades por meio de posse, permitindo-a somente por meio de compra, ou seja, só para quem tinha capital financeiro. Assim, sabotados mais uma vez – sendo que a primeira sabotagem foi a ausência total, por parte do governo, de apoio aos ‘libertos’ a partir da Lei Áurea –, reunirem-se aos quilombos já existentes ou criar novos urbanos eram possibilidades disponíveis naquele momento para o povo negro.

Na visão de Nascimento (1985), o quilombo, para além de um lugar para se viver, é um movimento de âmbito social e político apresentado de formas variadas para a sociedade. A citada autora também considerava que tudo, “de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra” (Nascimento, 1985, p. 47). De modo que, as diversas formas de aquilombamento que vieram depois do primeiro formato de quilombo integram os modos de sobrevivência que as pessoas negras criaram no pós-abolição.

O termo quilombo hoje, como sugere a citada autora, deveria ser usado no sentido de agregar, de comunidade, de luta, com os negros “se reconhecendo [como] pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade” (Nascimento, 1977, p. 16 *apud* Vinhas, 2018, p. 284). E é neste contexto é que se considera os *podcasts* criados por e para pessoas negras como formas modernas de quilombo, ao lado de manifestações diversas, como os movimentos de associativismo, culturais e formativos – dentre eles as rodas de capoeira, os sambas de roda, os grupos de estudos dentro e fora da academia, os bailes *blacks* e outros.

Este quilombo moderno é um lugar que ainda é de resistência, mas agora uma resistência ideológica, que pode remeter aos letramentos, remontando à função social de dar suporte ao povo negro para avançar mais, em todos os campos, incluindo, aí, o

processo de letramento racial – ainda tão necessário, mesmo que pretos e pardos sejam a maioria da população brasileira, conforme dados do último censo, realizado em 2022 (Brasil, 2022).

Na pesquisa os conceitos de letramento, multiletramentos, letramentos hipermidiáticos, letramento informacional e letramento racial são entrelaçados, considerando-se que letrar-se racialmente também é um processo que deve ter início na infância. A autora referência para a discussão sobre letramento racial (*racial literacy*) é a socióloga afro-americana France Winddance Twine, que aborda o conceito em suas pesquisas com o propósito inicial de desconstruir o racismo nas identidades raciais brancas. No Brasil a expressão em inglês foi traduzida para letramento racial pela psicóloga Lia Vainer Schucman, quando da escrita da sua tese, pois ainda não há obras de France Twine traduzidas do inglês para o português; e foi a partir de Schucman (2012) que se teve o primeiro contato com o conceito de *racial literacy*.

Na definição de Francis Twine, *racial literacy* é “uma orientação analítica e um conjunto de práticas que refletem mudanças na percepção sobre raça, racismo e branquitude. É uma forma de perceber e responder ao racismo que gera um repertório de práticas materiais e discursivas” (Twine, 2010, p. 4)⁶. Para a autora estas práticas incluem seis atitudes, das quais destaca-se três: a necessidade de observar o “[...] racismo como um problema contemporâneo, ao invés de um legado histórico; [...] [de adquirir] uma gramática racial e um vocabulário para discutir raça, racismo e antirracismo; e capacidade de interpretar códigos raciais e práticas racializadas” (Twine, 2010, p. 4).

Metodologia

O Aquilombamento Virtual Midiático (AVM) proposto por Andrade (2023) valoriza a ancestralidade, a resistência e a produção de conhecimento negro em perspectiva decolonial. Está estruturado em quatro dimensões: a) virtual: fundamentada pelo conceito de *bios* virtual, de Sodré (2002), enfatizando a existência e resistência negra no ambiente digital; b) política: inspirada no quilombismo, reconhecendo o *podcast* como espaço de articulação política, tal como os quilombos de outrora, recorrendo a Abdias Nascimento (2019); c) operativa: relacionada ao modo de funcionamento dos quilombos

⁶ Em 2023 teve-se acesso a uma tradução não oficial do capítulo The concept of racial literacy, da obra *A white side of black britain: interracial intimacy and racial literacy* (2010), a partir do curso “Relações étnico-raciais e de gênero: ações de prevenção a violências e discriminações na universidade”, realizado na UFG, em Goiânia (GO).

a partir de Beatriz Nascimento (1985), refletindo práticas colaborativas e coletivas na produção das mídias negras – no caso aqui, dos *podcasts*; d) *escrevivências*: que incorpora a subjetividade negra e rejeita a neutralidade acadêmica, trazendo o olhar coletivo de autoras/es negras/os e dos envolvidos na pesquisa para a análise científica, como proposto por Evaristo (2020).

A aplicação do AVM articula três rotas metodológicas: movimento Sankofa, que significa olhar para o passado para refletir sobre o futuro, resgatando memórias e trajetórias negras; das *escrevivências*, com o reconhecimento da subjetividade negra e assumindo posicionamentos políticos; e balaio de vozes, remetendo ao ressoar de múltiplas vozes na análise dos conteúdos (Andrade, 2023).

Para a pesquisa em andamento fez-se uma adaptação da metodologia com a aplicação das quatro dimensões e das três rotas propostas por Andrade (2023) em conjunto com as técnicas de pesquisa previamente definidas. O percurso metodológico da pesquisa inclui, até o momento: revisão bibliográfica sobre produção acadêmica *stricto sensu* acerca de *podcasts* no Brasil; levantamento e mapeamento de 81 *podcasts* brasileiros voltados para as pautas da população negra, compondo uma amostra das mídias negras no país direcionada para o escopo da pesquisa; estudo exploratório e pré-teste da aplicação da metodologia AVM em dois episódios (EPs) do *podcast* Lado Black.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, descritiva e documental, com o uso de levantamentos e entrevistas para a coleta de dados. Por falta de tempo hábil não foi possível realizar a entrevista, para o pré-teste, com a pessoa *podcaster* do *podcast* Lado Black, conforme previsto. Assim, a etapa balaio de vozes não foi efetivada.

O Lado Black é um *podcast* já desativado, condição que o exclui da seleção final para a pesquisa, já que um dos critérios de inclusão é que ainda esteja ‘no ar’; mas para o pré-teste esta condição não interfere. O *podcast* foi realizado de 2016 a 2023 a partir de uma coprodução de John Razen, Luiza Braga, Rafael Chino, Pedro Maciel e Daniel Diogo, que contaram com convidados em alguns dos EPs. Nos oito anos em que esteve no ar foram produzidos 117 EPs e 11 foram veiculados a partir de parcerias com outros *podcasts*.

Para o pré-teste foram analisados os EPs 001 Piloto #1 - Identidade negra e o 050 SAC Racismo, selecionados a partir da técnica da amostra não probabilística intencional/julgamento – que é determinada pela pessoa pesquisadora, de acordo com sua

experiência ou com o que considera adequado para a situação, uma técnica indicada para pesquisas do tipo exploratória e/ou piloto (Marconi; Lakatos, 2010). Além de ouvir os dois episódios, os conteúdos foram baixados e convertidos em texto por meio do aplicativo TurboScribe, que transcreve, *on-line*, áudios em texto usando inteligência artificial (IA).

Resultados parciais

A análise no pré-teste foi feita em duas fases. Na primeira, após a audição e leitura dos textos dos EPs selecionados, fez-se o levantamento dos termos identificados em ambos e criou-se uma nuvem de palavras representativa dos mesmos. O levantamento destes termos ressaltou nuances do debate racial no Brasil que envolvem aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. O termo de maior destaque na nuvem de palavras é racismo. Sua centralidade indica que as discussões nos dois EPs, mesmo que partam de pontos diferentes, giram em torno do racismo. O que, por sua vez, remete à ideia de racismo estrutural de Almeida (2019), reforçando-o como uma constante na existência do povo negro no Brasil em todas as dimensões – sociais, culturais, políticas, religiosas e outras. Ao classificar os termos em grupos emergiram nove categorias que se vinculam a temáticas que permeiam o cotidiano do povo negro.

A delimitação destas categorias ensejou reflexões que serão melhor exploradas no texto final da tese. As palavras reunidas na categoria identidade e autoafirmação negra, por exemplo, refletem o debate sobre identidade racial no contexto brasileiro, onde a miscigenação integra a base da formação da população e o embranquecimento tem um forte impacto na percepção de raça. A de estereótipos e desumanização, traz termos que indicam como as populações negras são frequentemente ligadas a imagens negativas e criminalizadas na sociedade. Reflexão que se conecta também a duas outras categorias: estética e padrão de beleza; violência e criminalização, tendo em vista que a estética negra ainda é usada para estereotipar, desumanizar, violentar e criminalizar a população negra – particularmente aquelas/es que têm a pele mais retinta.

A categoria representatividade e políticas raciais remete à discussão sobre a dívida histórica do governo brasileiro para com a população negra, que foi simplesmente abandonada à própria sorte após a promulgação da Lei Áurea e ainda teve que lidar com legislações contrárias à sua sobrevivência – nem há que se falar de ascensão, pois naquele momento o foco era outro. Por fim, a categoria cultura e resistência, é representada por

termos como quilombos, maracatu, mestiçagem, sincretismo, religiões, matriz africana, sobrevivência, comunidade e irmandade, os quais destacam a riqueza cultural da população negra, remetendo à necessidade de valorizar esta herança cultural. Também remetem às estratégias de preservação identitária e resistência histórica, particularmente quando se observa o termo sobrevivência, que sugere uma luta contínua para preservar tradições em um contexto de apagamento histórico.

O agrupamento dos termos e as análises das categorias reiteraram a ideia do *podcast* como lugar para aquilombar na contemporaneidade, uma ferramenta de aquilombamento digital para a reexistência negra que possibilita debater temas caros à população negra de forma ampla, afrocentrada, de acesso fácil e, na maioria das vezes, irrestrito e gratuito.

Na segunda fase os dois EPs foram analisados de acordo com as quatro dimensões do AVM: virtual/*bios* virtual, política/quilombismo, operativa e escrevivências. Assim como as mídias analisadas por Andrade (2023) em sua tese, os *podcasts* nasceram e existem no *bios* virtual. E é a partir do aparato digital que são criadas as redes de afeto e de mobilização. No *podcast* Lado Black não é diferente, voltado para o povo negro, ele existiu e conecta(va) via *web* a partir do site⁷ que foi criado para: registrar sua história, ser um ponto de contato fixo dos ouvintes com os *podcasters*, possibilitar que os ouvintes apoiassem financeiramente o canal e hospedar os EPs.

No que tange a dimensão política, que remete aos quilombos como denominado por Nascimento (1985) e ao quilombismo de Nascimento (1980), o *podcast* Lado Black atuou, durante oito anos, como espaço virtual de resistência e autonomia para a discussão sobre assuntos que permeiam a existência do povo negro no Brasil, funcionando como um quilombo digital, um local virtual para aquilombamento e, conseqüentemente emancipação e letramento de apresentadores e ouvintes.

A terceira dimensão, operativa, é ligada ao modo de operação dos quilombos brasileiros, com o *podcast* atuando como espaço que articula mobilização antirracista e proteção simbólica através da interação com ouvintes, ensejando comunhão, solidariedade e liberdade tanto entre apresentadores quanto entre apresentadores e ouvintes. Na audição dos EPs não há hierarquização de temas ou dos apresentadores aquilombados ali, durante a transmissão do *podcast*, com os ouvintes. Este

⁷ Disponível em: ladoblack.com.br. Acesso em: 10 jun. 2025.

quilombamento visava não somente apresentar as temáticas, mas também levar conhecimentos aos ouvintes usando uma linguagem próxima deles e, sobretudo, desvinculada do que a mídia tradicional costuma apresentar – ou seja, operando como um quilombo, um lugar seguro para pessoas negras.

A quarta dimensão, das escrevivências, perpassa pela ideia de uma escrita/fala com linguagem livre, sem se apegar à neutralidade e à individualidade da escrita/fala acadêmica, observada tanto nas falas do convidado quanto na dos *podcaster*; como uma escrevivência oral. O que propicia um formato próprio de linguagem para o *podcast* que permite atingir de forma direta o povo negro, tanto por abordar temas que lhes tocam quanto por usar vocabulário decolonial – como a substituição de termos hoje considerados inadequados, e próximo da sua realidade. E, ainda, trazendo autores/as negros/as como referências durante a discussão, fugindo do eurocentrismo acadêmico.

Esta breve análise permite reconhecer que os dois EPs atuaram/am como territórios digitais de insurgência, fortalecendo as mídias negras e contraponto as mídias tradicionais ao usar linguagem própria e sem academicismo; ao citar autores/as negros/as muitas vezes invisibilizados; ao permitir narrativas livres sobre as vivências (escrevivências orais); ao promover afetividade no ambiente virtual abordando temáticas envoltas no racismo estrutural que atinge em cheio o dia a dia do povo negro no Brasil.

Considerações

A aplicação do AVM em dois episódios do *podcast* Lado Black demonstrou a viabilidade da metodologia. Mesmo tendo sido aplicado parcialmente – já que não foi possível realizar a entrevista, o AVM mostrou-se adequado para captar a complexidade e a riqueza das práticas comunicacionais negras na podosfera, valorizando tanto a dimensão política quanto a subjetiva das produções.

O levantamento de termos recorrentes nos episódios, organizados em categorias, permitiu visualizar temas centrais como educação, consciência negra, didática e diálogo educativo. Embora o termo letramento não tenha sido explicitamente citado, a presença de discussões educativas e de conscientização indica aproximações com o conceito de letramento racial. A análise evidencia que o próprio ato de debater racismo e antirracismo, bem como a disposição da audiência para ouvir e interagir, são passos concretos rumo ao letramento racial.

Entende-se que o *podcast*, ao funcionar como espaço de escuta, diálogo e construção coletiva de saberes, consolida-se como instrumento estratégico na luta antirracista e na promoção de letramentos no Brasil contemporâneo. Ao permitir articular experiências, narrativas e saberes negros, contribui, também, para a circulação de informações e para a formação de uma consciência coletiva antirracista. O que confirma o potencial do *podcast* como ferramenta para o letramento informacional e racial e de ampliação das vozes negras no Brasil.

Pretende-se, na continuidade da pesquisa, aprofundar a análise especialmente considerando a diversidade regional do Brasil e a pluralidade de experiências negras. Para tanto serão selecionados cinco canais de *podcasts* brasileiros, sendo um em cada região do país, para efetivar a pesquisa empírica. Intenta-se enriquecer a compreensão dos impactos e desafios dessa mídia na prática, observando a relação entre *podcast*, letramento racial e práticas antirracistas, a partir de canais que estão na ativa.

Referências

ALMEIDA, Sílvia. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. (Série Feminismos Plurais).

ANDRADE, Alice Oliveira de. **Aquilombamento virtual midiático**: uma proposta teórico-metodológica para o estudo das mídias negras. Orientadora: Maria do Socorro Furtado Veloso. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/54903/1/Aquilombamentovirtualmidiatico_Andrade_2023.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/tese%20campello%202009.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão da tradução Isabela Machado de Oliveira Fraga. 1. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 1. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. p. 71-91. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. O quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 6/7, p. 41-49, 1985. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/afrodiasspora-vol-6-e-7/>. Acesso em: 20 set. 2023.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019. (Linguagens e tecnologia, 7).

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

TWINE, Francis Winddance. The Concept of Racial Literacy. *In*: TWINE, Francis Winddance. **A White Side of Black Britain**: Interracial Intimacy and Racial Literacy. Durham, N.C.: Duke University Press, 2010. p. 1-21.

VINHAS, Wagner. Revisitando Maria Beatriz Nascimento: a continuidade histórica entre os sistemas sociais negros do passado e os assentamentos em favelas urbanas e comunidades rurais da atualidade. **Revista da ABPN**, [s. l.], v. 10, n. 25, p. 271-293, mar./jun. 2018. DOI 10.31418/2177-2770.2018.v10.n.25.p271-293. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/616/544>. Acesso em: 19 jun. 2024.